

“EU NÃO QUERO VOLTAR SOZINHO”: DEFICIENTES VISUAIS E HOMOSSEXUALIDADE A PARTIR DA INTERPRETAÇÃO DE UMA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA PORTADORA DE RETINOSE PIGMENTAR

Fátima Marcarini da Silva

José Raimundo Rodrigues

Como um deficiente visual experimenta a descoberta da sexualidade e de sua orientação homossexual? O filme, curta-metragem, “Eu não quero voltar sozinho” de maneira sensível aborda essa temática, demonstrando como um adolescente vivencia na aparente escuridão a clareza e luminosidade dos desejos, passando da amizade ao apaixonar-se, deixando-se envolver numa possível relação que rompe com os padrões sociais, frustrando expectativas outras que pudessem lhe ser impostas. Mas como uma deficiente visual e estudante de pedagogia interpreta tal filme? Esse é o objetivo geral desse trabalho, permitindo que na perspectiva de uma educação inclusiva se contemple a questão da diversidade sexual como elemento primordial para o pleno cumprimento do papel da escola como lugar de educação e formação cidadã. A reflexão nasceu da análise do filme “Eu não quero voltar sozinho” por uma aluna do curso de pedagogia que sofre de retinose pigmentar, popular cegueira noturna. A partir de sua condição de deficiente visual, propõe-se ver o filme como um desafio a romper não só com a heteronormatividade, mas também com a “heteronormalidade” que cria desconfianças em relação à vivência da sexualidade por parte de pessoas portadoras de deficiência. E, mais especificamente, que atribui um duplo sofrimento à vida daqueles que, portadores de deficiência, assumem-se homossexuais. O estranhamento em relação à homossexualidade de portadores de deficiência gera no imaginário popular várias fantasias, influenciando até mesmo no imaginário de portadores de deficiência que se assumem heterossexuais. Restringe-se aqui a reflexão em torno dos deficientes visuais e da homossexualidade. Juntamente com a análise do filme fez-se um diálogo espontâneo em grupos de amigos também deficientes visuais, sondando a relevância do tema, os preconceitos/fantasias mais comuns e os caminhos que o filme “Eu não quero voltar sozinho” desperta. Em relação à educação pode-se ainda recordar as seguintes relações: o adolescente deficiente visual do filme apaixonar-se por um colega de escola; é também na escola que se vê rompendo/frustrando expectativas heterossexuais; é de interesse pessoal da pesquisadora, após concluir o curso de pedagogia, especializar-se em educação inclusiva. Por fim, no cotidiano escolar, inúmeros podem ser os portadores de

deficiência que, embora acolhidos, não sentem plena liberdade para assumirem seus desejos e práticas sexuais, pois, como sugere o título do filme ninguém quer viver só.

Palavras-chave: deficiência visual, homossexualidade, educação inclusiva, pedagogia.